

Encontros com Riobaldo e as biodiversidades textuais no ensino de biologia

Eduardo Silveira*

Resumo: O presente artigo constrói-se a partir de um diálogo meu enquanto professor de biologia do ensino médio em cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) e Riobaldo, protagonista do livro “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. Nessa conversa, Riobaldo me descreve as bio(diversidades) do Grande Sertão, e eu apresento-lhe as ricas biodiversidades ficcionais, inventadas e escrituradas pelos estudantes nas aulas de biologia a partir da temática “a diversidade de invertebrados”. Nesse encontro, e com o suporte de noções provenientes dos estudos culturais, busco refletir as possibilidades de o ensino de biologia superar certa rigidez e abrir-se para a gênese de novos olhares e novas paisagens mais cotidianas e múltiplas.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, práticas pedagógicas, biodiversidade, escrita literária, paisagem.

Abstract: This essay is written from a dialog between me, as high school biology teacher at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Santa Catarina (IFSC) and Riobaldo, protagonist of the João Guimarães Rosa's book “The Devil to Pay in the Backlands”. In that dialog, Riobaldo describes me about the bio (diversity) of the “Grande Sertão”, and I present him the rich fictional biodiversity, invented and written by students in biology classes from the theme “diversity of invertebrates”. In this meeting, and with the support from notions of cultural studies, I try to reflect the possibilities of teaching biology overcome rigidities and open up to the genesis of new looks and landscapes, more quotidian and multiples.

Keywords: João Guimarães Rosa, pedagogical practices, biodiversity, literary writing, landscape.

O presente texto parte de um encontro casual e de uma conversa fortuita com Riobaldo, o personagem central do romance “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa. Acompanhando Riobaldo jagunço com sua voz calma, transmutada em palavras angulosas e belas, seguimos suas memórias e derivas pelos sertões e veredas do planalto central brasileiro. É nos meandros dessa história fantástica e caracterizada por inúmeras reentrâncias, idas, vindas e volteios que se começa a compor essa aventura textual. A partir de uma leitura barthesiana de “Grande Sertão: Veredas”, ou seja, aquela que se delicia com os sabores provenientes da escritura (Barthes, 2007) que nos apresenta Riobaldo e nos faz ler, constantemente, levantando a cabeça (Barthes, 2004), se desvela um tecido também derivante que se perde por entre as biodiversidades e a escola. Sim, pois se em suas memórias Riobaldo me conta enternecido de seu cotidiano gasto com leveza entre as “belezas sem dono” (Rosa, 2001: 42) do Grande Sertão em sua amplidão movente com revoadas de pássaros e animais diversos, flores, rios caudalosos e serpenteados que marcam o exuberante e diverso Cerrado brasileiro; eu também conto para ele das ricas biodiversidades ficcionais, inventadas e escrituradas pelos estudantes do ensino médio técnico para os quais leciono como professor de biologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

* Ator e Doutor em Educação pela UFSC. Professor de Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

São singelos textos (contos, crônicas, poesias) resultantes de propostas pedagógicas experimentais e inusitadas que realizei em diferentes turmas durante os anos de 2014 e 2015, a partir da temática: “a diversidade de invertebrados”. São esses textos que ganham destaque ao evidenciar outra relação com a biologia. Transgredindo suas margens precisas a partir do potente encontro com a literatura, estas experiências, para além da busca pelo rigor científico do conhecimento biológico, propõem a aventura literária e a invenção. A busca daquilo que na biologia ainda não existe. Ou se deixou esquecer: a abertura para a gênese de novos olhares, novas paisagens. Menos exatas e mais múltiplas. E nisso Riobaldo novamente acode sussurrando em meu ouvido: “Se creio? Acho proseável” (Rosa, 2001: 65). Uma biologia mais proseável. Menos preocupada à credulidade da ciência e mais disponível à prosa desocupada. Sim, porque “no real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 2001: 101).

O perigo da desobediência, Riobaldo. Uma urgente desobediência é que me incita a transgredir as precisas margens da biologia. E nessa desobediência também me irmano contigo. Sim, pois através de João Guimarães Rosa te vejo desobedecendo continuamente a língua. Sinto que nos interstícios de sua fala se inscreve algo que opera continuamente um desvio na linguagem. Abre uma fissura naquilo que nela é fascismo e poder, para trapaceá-la, combatê-la a partir de seu interior (Barthes, 2007). Como sugere Finazzi-Agrò (2006: 13):

a escrita rosiana parece balançar constantemente entre a pontualidade e inconclusão, entre a opacidade e a transparência, entre uma linguagem pedregosa e uma expressão aérea (entre romance e poesia, enfim), levando quase fatalmente à impossibilidade de fechar o texto e o seu discurso na inelutabilidade dos seus limites físicos.

Será que são essas desobediências que você tenta me mostrar Riobaldo? Quando com um sorriso escapando

no canto da boca diz:

de primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessessegos, estou de range rede. E me inventei nesse gosto, de especular ideia (Rosa, 2001: 26).

Não posso e nem preciso garantir, mas eis que contigo di-vago... Compartilhando angústias de professor. Sim, pois você me conta também ter sido professor quando fugiu da fazenda de seu padrinho, Selorico Mendes e acabou indo ensinar o grande e temido jagunço Zé Bebelo: “eu estava pensando que ia dar escola para os filhos dum fazendeiro. Engano. O comum, com Zé Bebelo, virava diferente adiante, aprazava engano. Estudante sendo ele mesmo. Me avisou” (Rosa, 2001: 144). Pois bem Riobaldo, sendo o senhor, professor de jagunço, me diga lá então: ainda seria possível trazer a inexactidão de volta ao ensino de Biologia? Reencontrar nela o dinamismo próprio da vida, que muitas vezes acaba por perder-se, quando se veste da sisudez que geralmente marca a ciência. Vejo ser a isso que se refere o escritor e biólogo moçambicano Mia Couto (2011: 49) quando diz que

uma constrangedora aridez foi-se instalando como nossa [dos biólogos] condição comum. A culpa não é evidentemente nossa. Mas nós herdamos uma ideia de ciência que vive de costas para a necessidade de trazer leveza e construir beleza. Alguma coisa que se pretenda científica deve-se apresentar de trajes cinzentos, solenes. Para receber credenciais científicas as nossas ações precisam ter uma seriedade quase ascética.

Pois é Riobaldo, Mia Couto é um pensador que me parece atento e preocupado com o cruzamento dos discursos entre a biologia e a cultura, principalmente em Moçambique, seu país natal. Embora ele diga ser um biólogo que não mora todo o tempo na casa da ciência (Couto 2011: 51), é evidente a presença da dimensão da biologia atra-

vessando seu trabalho literário. São vários os textos, entrevistas e artigos em que ele expressa sua atenção à oralidade, às histórias, mitos e fábulas que fazem parte das raízes de seu povo e que ele conhece em seus trabalhos viajando como biólogo pelas savanas moçambicanas. É através desses encontros com a tradição cultural baseada na oralidade que são tecidos grande parte de seus contos e romances. E nessas travessias entre biológicas, culturas e poesia, Mia Couto (2011: 118) reconhece a influência de João Guimarães Rosa:

Foi poesia o que me deu o prosador João Guimarães Rosa. Quando o li pela primeira vez experimentei uma sensação que já tinha sentido quando escutava os contadores de histórias da infância. Perante o texto, eu não lia simplesmente: eu ouvia vozes da infância. Os livros de João Guimarães Rosa atiravam-me para fora da escrita como se, de repente, eu me tivesse convertido num analfabeto selectivo.

Importante ressaltar que a proposta para a construção dos textos por parte dos alunos envolveu algumas discussões sobre esta relação entre biologia, cultura, poesia e invenção. Foram vários os materiais utilizados. Inicialmente lemos alguns textos mais conceituais, notícias de revistas e jornais e contos do livro “Você é um animal Viskovitz?” (Boffa, 1999) que evidenciam características biológicas de diversos organismos presentes nesse grupo artificial dos invertebrados. Depois, assistimos a alguns trechos de filmes, desenhos animados e comerciais que também trazem a presença de organismos desse grupo. Entre a presença de Bob Esponja, Homem-Aranha, Vida de Inseto e Formiguinhaz, destacamos algumas cenas do longa-metragem “Microcosmos: Le peuple de l’herbe”. O documentário francês de 1996, dirigido por Claude Nuridsany e Marie Pérennou foge do comum dos documentários supostamente educativos, nos quais o tom explicativo e demonstrativo baseado na discursividade da ciência se impõe. Em Microcosmos não há uma narração explicando as cenas. São somente imagens acompanhadas por música instrumental que compõem a narrativa.

As imagens de diferentes invertebrados (insetos, aracnídeos, moluscos, etc), capturadas em diferentes situações em closes muito belos compõem uma potente narrativa passível de ser construída ou compreendida de diferentes maneiras a partir da experiência fílmica. Destacamos a cena em que uma bela música lírica acompanha o encontro de dois escargots que lentamente se aproximam, estabelecem um sutil reconhecimento e acabam por se entregar a um apaixonado abraço.

Além desses materiais, através dos quais nos aproximamos da temática, o principal disparador para tais produções textuais por parte dos estudantes foi um texto de Mia Couto sobre a escrita literária, endereçado para estudantes de nível secundário, participantes do projeto “Ciência Viva” em Portugal. No texto, ele discute os atravessamentos entre a ciência – especificamente a biologia – e a literatura, no sentido de auxiliar jovens participantes do projeto a escreverem textos literários relacionados à ciência. Porém, mais do que isso, ele acaba por criar um pequeno manifesto pela poesia da vida, frente à lógica que se instalou na maneira pela qual a escola e a ciência olham para o mundo:

A escrita exige sempre a poesia. E a poesia é um outro modo de pensar que está para além da lógica que a escola e o mundo moderno nos ensinam. É uma outra janela no nosso olhar sobre as coisas e as criaturas. Sem a arrogância de as tentarmos entender. Só a ilusória tentativa de nos tornarmos irmãos do universo. [...] O segredo do escritor é anterior à escrita. Está na vida, está na forma como ele está disponível a deixar-se tomar pelos pequenos detalhes do quotidiano. [...] O conto é feito com pinceladas. É um quadro sem moldura, o início inacabado de uma história que nunca termina. O conto não segue vidas inteiras. É uma iluminação súbita sobre essas vidas. Um instante, um relâmpago. O mais importante não é o que revela mas o sugere, fazendo nascer a curiosidade cúmplice de quem lê. (COUTO, 2005: 45-46).

Deslumbrar-se pelo cotidiano. Entre currículos, tempos e espaços regulados, onde a maquinaria escolar se debate entre dispositivos de controle e subjetivação (Veiga-Neto, 2008; Moraes e Veiga-Neto, 2008), a inquietante questão que movimentou essa proposta de atividade foi: ainda haveria possibilidade de a biologia feita nas escolas, com adolescentes entre 15 e 17 anos, suscitar o deslumbramento de abrir outras janelas para olhar as diversidades da vida e do mundo? Talvez um olhar mais despretensioso, mais delicado e cotidiano.

Quem mais uma vez me socorre em resposta é Riobaldo. Com sua fala calma, travestida de simplicidade, mas expressando uma lógica complexa, é ele quem novamente abre as janelas do Grande Sertão mostrando-me não ser ele somente um espaço físico. Lugar para se reconhecer como um apanhado de características geográficas e biológicas. “O sertão está em toda a parte” (Rosa, 2001: 24). Há entre ele o sertão uma relação existencial. “Que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente” (Rosa, 2001: 325). Eles relacionam-se com muita proximidade, dialogam, coexistem, confundem-se. O sertão é o mundo e é a vida, o lugar e o espaço onde suas próprias diversidades se encontram. É biológico, político e cultural. Como também é sensível, atormentador e sufocante. “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera” (Rosa, 2001: 302).

Sertão. Ser sertão. Ser tão paisagem. Vejo esse sertão que Riobaldo me apresenta como uma grande paisagem. E isso me fez lembrar um trecho do livro “Aos 7 e aos 40” de João Anzanello Carrascoza. O livro é a história de uma vida contada em dois tempos, infância e meia-idade através de fragmentos que se tocam. Em determinado momento em um fragmento da infância, o narrador conta sobre um dia em que ele e um amigo, o Bolão, tentavam capturar um pássaro-preto em uma arapuca (2013: 98 – grifo meu):

A tarde chegou. O sol caía. E, então, fomos lá no Santa Cruz. O Bolão pôs a arapuca no meio de uma touceira. Os dois escondidos. Nada em

nós fazia barulho. A gente só via. E nada aconteceu, de imediato. O mundo estava parado; mas, aos poucos conforme nos acostumamos, vimos a verdade. Tudo se movia, bem lento. Era preciso paciência pra notar a vida que ali se manifestava, no rastilho das formigas (dava pra ouvir as patinhas delas estalando o silêncio), no vento que fervia a cabeleira do capim-gordura, no céu a tremular de azul, no cheiro flutuante do mato, e o dedo do Bolão se erguia até os lábios, Psiu, em alerta, pra gente ser só o que éramos, também paisagem, e, enquanto isso, as plantações davam volta em torno de nós.

Encontrar outras paisagens no exercício de escrita das diversidades biológicas. Ser tão paisagem. É Denilson Lopes (2007: 133) quem me fala das paisagens como um vasto campo de possibilidades (sertão?), onde se encontram “elementos vindos da natureza e da cultura, da geografia e da história, do interior e do exterior, do indivíduo e da coletividade, do real e do simbólico”. Assim como o sertão paisagem de Riobaldo, quantas paisagens cotidianas, talvez mais sutis, não se permitem explorar e adentrar nesses pequenos exercícios escriturais dos estudantes?

Delicadas paisagens textuais, abertas de forma sutil em textos despretensiosos. Paisagens que se agrandam em horizontes múltiplos, ambiguidades, mistérios, revoltas e, a cada momento, de acordo com os diferentes estímulos que recebe, fazem aparecer novos movimentos. Alguns lentos, outros velozes, mas sempre movimentos de manifestação da vida em potência.

Isso me coloca em diálogo com os estudos culturais, quando eles evidenciam a possibilidade de se pensar a biologia e a ciência enquanto cultura (Hall, 1997; Wortmann e Veiga-Neto, 2001; Latour, 1997), continuamente perpassadas por múltiplos discursos como o cotidiano, a política, a arte, a sexualidade cujos atravessamentos se estabelecem através de relações de poder assimétricas. Da mesma forma, Stuart Hall (2006: 13) também evidencia como a constituição cultural

das sociedades contemporâneas estabelece a gênese de um novo indivíduo, cuja identidade “torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente”.

E inevitavelmente sou levado a perceber que o sertão paisagem tampouco é vivido ou habitado por uma identidade fixa e invariável. Pelo contrário, sua própria constituição fluída e móvel determina outro sujeito a ocupá-lo. Riobaldo confere certeza a essa minha percepção ao dizer: “O senhor [...] mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior, é o que a vida me ensinou” (Rosa, 2001: 39). E isso ele me diz com a convicção do jagunço sertanejo que vive suas próprias diversidades, sexuais, religiosas, sociais entre as grandezas do Sertão. Entre amores diversos, múltiplos grupos sociais, diferentes crenças em diálogo com o compadre Quemelém, o que Riobaldo atesta é: “natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (Rosa, 2001: 417).

Assim também o são as paisagens textuais dos estudantes: habitadas por discursos que evidenciam identidades variáveis e essencialmente instáveis no grande horizonte que as constitui. Nelas se cruzam elementos provenientes da ciência da biologia, mas também de suas próprias diversidades. De forma deslocada, mas potente, expressam-se nas paisagens da escritura, pequenos gestos textuais evidenciando dúvidas, desejos, incompreensões... Ou seja, nessas despreziosas paisagens textuais surge, delicada e deliciosamente, a poética do cotidiano evidenciando um “real em tom menor, espaço de conciliação, possibilidade de encontro, habitado por um corpo que se dissolve na paisagem, nem mero observador, nem agente, apenas fazendo parte do quadro, da cena” (Lopes, 2007: 87).

E é assim, lentamente, em tom menor, que agora abrimos as janelas para essas paisagens textuais. Em alguns trechos e recortes lançamo-nos ao cotidiano que as atravessa e, caminhamos no ser-tão que as constitui:

Margareth e Rita

Nas profundezas do Pacífico, onde um majestoso e colorido recife de coral se erguia, viviam colônias de criaturas incríveis aos olhos humanos. Havia lulas, polvos, arraia, pepinos-do-mar, anêmonas, estrelas-do-mar, cardumes das mais variadas espécies de peixes e, é claro, os grandes mamíferos. Em uma pequena residência, e com isso, digo, sentados num coral, dois pequenos organismos discutiam:

– *Você tem que ir ao médico! – Disse o ser com simetria radial e aspecto gelatinoso. Uma anêmona.*

– *Mas isso já aconteceu milhares de vezes! Eu sempre me regenero! – respondeu a estrela-do-mar.*

– *Anda Margareth! O Doutor Peixoto vai dar um jeito nesse teu membro quebrado.*

– *Deixa de ser chata, Rita. Basta esperar minhas células-tronco entrarem em ação.*

– *Olha! Tu vês se me respeita, rapariga. Queres ser queimada pelas minhas toxinas? – e dizendo isso, começou a movimentar seus tentáculos de um modo ameaçador para a estrela-do-mar.*

– *Ué? Vai querer me comer, dona molenga?*

– *Se for preciso. Depois disso eu ainda posso liberar algumas enzimas para te digerir externamente e então te consumir. Que delícia! Estrela-do-mar al dente.*

[...]

Em busca de uma família

Foi de um dia para o outro que essa mudança aconteceu. Ainda bem cedo me destaquei por ser um dos poucos que havia sobrevivido. A maioria nem chegou a nascer, apenas algumas centenas de irmãos não foram levados pela enchente.

Parece que foi ontem que comecei minha vida, e o mais doido disso é que foi mesmo! Tudo deste pouco mundo que eu conheci parece maravilhoso.

Eu estive o dia todo apreciando o néctar que eu encontrava nas poucas flores aqui do mangue. Não é uma vida fácil, nessa prática leva-se muito tempo e recebe-se pouca recompensa... Parece que toda minha vida se resume a isso: buscar alimento.

Mas algo dentro de mim estava me dizendo para sair em busca dos meus irmãos, muitos ainda estão perdidos. Mamãe havia nos depositado sobre um tronco apodrecido aqui da região, e quando a maré começou a subir, nada pude fazer, eu era só mais um Maruim comparado a esse imenso tronco! Ah, eu ainda nem me apresentei. Sou Ubirajara, a mosca sem pata. E pode parecer meio estranho cato amigo, mas poucos conhecem a nossa história.

[...]

Pernáculos

Primeiramente eu sou um polvo. É, isso mesmo, tenho um cérebro grande para o meu tamanho (não ouse me chamar de cabeçudo), minha camuflagem deixa muito camaleão no chinelo, e meus oito tentáculos fortes e flexíveis podem lutar até com tubarões. Não que eu pense ser uma criatura desvalorizada do fundo do mar, mas desde que vim para a sala de um daqueles humanos que usam jaleco, minha vida melhorou bastante. Há muitos tipos de animais aqui. Vivo

com outros dois peixes pequenos que são meio burrinhos, mas são muito amigos meus. Eles gostam quando imito as cores do aquário. Oh... Eu posso sentir a admiração de todos os bichos nessa sala. [...] É que eu tenho lua em leão, a culpa não é minha.

A última aquisição do homem de jaleco foi uma aranha. Ela chegou dentro de uma caixa de vidro irritadíssima, com as patas erguidas! Era uma armadeira. O humano resolveu chamá-la de Josefina, sabe-se lá o motivo. Aliás, fiquei com um ódio mortal da tal intrusa, pois eu mesmo não tinha nome! Josefina não era das criaturas modestas. As demonstrações que fazia de seu veneno eram impressionantes e estavam entretendo os bichos da sala bem mais do que as minhas... Meu mundo estava caindo!

Fiquei deprimido, pois além de roubar meu posto, Josefina, a aranha, era o único ser que com um simples olhar, fazia meus cromatóforos corarem: estava com o ego ferido e, pior, apaixonado!

[...]

Vá com Deus, Evaristo

[...]

E então o tempo passou
Aquele pequena larva, Evaristo se tornou
Evaristo era estranho e desigual
Por todo o formigueiro, dele falavam mal
Evaristo não entendia
Por que amigos não fazia?
Quando alguém o via, sempre corria
Quem não corria, dele ria
Mas, então, ele ria junto
Pois era quase surdo-mudo
E não sabia que estavam lhe chamando de aberração
E se soubesse não mudaria sua reação
Pois Evaristo não pode frequentar a escola do formigueiro
Por uma imposição do conselho e do próprio governo
Mais isso nunca lhe deixou abatido

Pois sabia que se a escola frequentasse
 Seria humilhado e oprimido
 Às vezes se sentia como um bandido
 À margem da sociedade e sempre sozinho.

[...]

Limites: Nelson ou Chica, faz diferença?

Meu nome é Nelson. Na verdade, meu nome ainda é Nelson. Por mim já seria Chica. Não entendeu? Bem, vou contar minha humilde história.

Numa primavera úmida, dois caracóis acasalaram lindamente. Um deles depositou 203 ovinhos num buraco milimetricamente cavado ao lado de um laranjal. Dali a algum tempo foi surgindo o que seria o caracol mais lindo desse mundo: euzinha. E é claro, com o nascimento vem a hora de dar os nomes.

Essa coisa de dar nomes é sempre complicada para nós hermafroditas. E aí começa o meu dilema: meu nome é Nelson. Minha mãezinha – que os deuses do escargot a tenham – me registrou como Nelson.

Aparentemente isso não afetaria minha pequena vida. Afinal, somos todos diferentes e podemos ser o que bem entendermos, certo? Errado! De acordo com as regras da moral e dos bons costumes, eu devo reproduzir somente com caracóis que foram registrados como fêmeas, ou com nome de fêmea. “É o certo”, dizem eles. Nunca entendi quem decide essas coisas.

Mas aí tem o Teobaldo. Quem é o Teobaldo? Ah... Ele é um deus grego, um tudo! Eu amo aquela conchinha, aquele brilho... Fico toda gosmenta só de pensar.

[...]

O DNA peregrino e a guilhotina sangüinária

[...]

Eu perambulava sozinha em um quarto escuro cheio de defuntos. Oh! Que tragédia acontecera aqui! A melancolia tomou conta de mim, fazendo doer minha probóscide. Eu estava no quarto de um assassino, ele havia matado todas as mulheres da minha família, foi um massacre só. Adam era um adolescente perturbado, ninguém em sã consciência faria uma coisa dessas e depois ia à frente do espelho cantar rock, fazer coreografias bizarras e beber com se o mundo fosse acabar. Sem falar no cabelo espetado e nas decorações esotéricas.

Para mim talvez o mundo realmente fosse acabar. Quem sabe quanto tempo levaria para que ele notasse a minha pequena presença? Minha mãe, avó, irmãs, primas, netas, filhas, bisnetas... todas esmagadas nas paredes encardidas daquele lugar imundo, mortas pelo teto, pelo chão, por todos os lugares. Um pernilongo pode ouvir o zumbido de outro a 30 metros de distância, e o único som que eu ouvia era música dos guns'n roses no último volume, nem sinal de outro mosquito, nem os machos que ficam só na boa vida se alimentando de néctar.

Quando as luzes se apagaram e o garoto fora dormir, me preparei para o ataque. Havia chegado a hora de vingar as crueldades cometidas por aquele ser sem coração. Mas... se não há coração não há sangue, certo? Errado! Com as minhas antenas farejei a vítima, identificando o CO2 liberado na sua respiração. Com a minha probóscide perfurei sua pele e pude sugar seu sangue. Ele tinha sangue, afinal.

E que sangue! Quando senti o gosto do primeiro gole uma energia que nunca havia sentido tomou conta do meu corpo. Eu não conseguia parar, aquele sangue era viciante, uma mistura de álcool com maconha que me deixou hiperativo, quando vi já estava voando de um lado para o outro fazendo coreografias bizarras e batendo minhas asas 600 vezes por minuto.

Mas eu não estava lá para brincadeira, meu estoque de proteínas estava reabastecido e eu poderia então colocar meus 200 ovos em um vasilho com água ali mesmo. Que alívio eu senti. Agora poderia voltar lá e beber mais sangue, mesmo sem ter mais ovos dentro de mim. Adeus vida de pernelonguinha de família, eu queria só curtir a vida.

[...]

Quem é você, Adamastor?

Todos os dias, Adenir apostava uma corrida contra o sol. Ele sempre perdia, e era isso que o motivava em seu trabalho. Não sabia se gostava ou não daquilo. Apenas movia rapidamente suas seis esguias patas, tateando o caminho com as próprias antenas. Subia e descia a relva, escalava os galhos, desviava das inúmeras gotas de orvalho que forçavam a criação de uma nova rota a cada manhã. Chegava a seu destino: um robusto pé de couve povoado por uma comunidade de pulgões. Notava que outras poucas formigas operárias, mais ligeiras, já haviam chegado ao local de trabalho.

A ordenha dos pulgões era realizada diariamente pelas operárias. O líquido doce coletado era transportado ao formigueiro e dividido entre todos. Os pulgões não protestavam: as formigas-guardiãs empenhavam-se na árdua tarefa de protegê-los das temidas joaninhas, que frequentemente tentavam devorá-los.

Várias vezes ao dia Adenir trilhava o caminho inverso para transportar o produto para o formigueiro. Descia e subia a relva, os galhos e as pedras. Junto de outras dezenas de operárias, adentrava a câmara de estoque. O alimento era líquido, e isso acarretava, no início, em problemas para a estocagem do mesmo. Por esse motivo, a cada mês era convocada uma equipe de formigas “pote-de-mel”, como haviam sido apelidadas. Elas armazenavam toda a produção em seus corpos.

Certo dia, uma formiga um tanto importante na região, Adamastor, convocou uma reunião aberta para toda a comunidade. Afirmou que era de suma importância que todos comparecessem para ouvir o que ele tinha a dizer. [...] Uma vez que, como em qualquer sociedade, havia alguns pequenos problemas e assuntos que precisavam ser tratados numa reunião, foi consenso a participação de todos.

Dez minutos antes do horário marcado, todos já estavam presentes na copa do pé de laranjeira mais próxima, local escolhido por Adamastor. Seu discurso foi tão polêmico que nenhum outro assunto foi tratado. A formiga apresentou uma família de besouros que morava na região, muito interessada no líquido coletado pelas formigas. Eles poderiam oferecer altas recompensas em alimentos e matéria-prima em troca de uma grande quantidade do produto. Adamastor explicou então que o segredo para a prosperidade de um formigueiro era o trabalho ininterrupto. A partir daquele momento, todas as formigas deveriam trabalhar feito escravas, até a exaustão, em nome da prosperidade e de um bem maior. Assim, no futuro, teriam uma quantidade de mercadoria interessante para trocar com os besouros. Diante da proposta Adenir sentou, pela primeira vez, algo que poderia chamar de “receio”.

• • • • •

Referências

- BARTHES, Roland (2004). O Rumor da língua. Tradução de Mário Laranjeira. (2a Edição). São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland (2007). Aula. Tradução de. Leyla Perrone-Moisés. (14a Edição). São Paulo: Cultrix.
- BOFFA, Alessandro (1999). Você é um animal Viskovitz? São Paulo: Companhia das Letras.
- CARRASCOZA, João Anzanello (2013). Aos 7 e aos 40. São Paulo: Cosac & Naify.
- COUTO, Mia (2005). Pensatempos – textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminho.
- COUTO, Mia (2011). E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras.
- FINAZZI-AGRÒ Ettore (2006). A perfeita imperfeição: transição e permanência em Grande Sertão: Verdades. Disponível em: HYPERLINK “<http://www.cultura.mg.gov.br/files/2006-maio-especial.pdf>” <http://www.cultura.mg.gov.br/files/2006-maio-especial.pdf> Data de consulta: 01 de outubro de 2015.
- HALL, Stuart (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, Vol 33 (2): 15-46.
- HALL, Stuart (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. (11a Edição). Rio de Janeiro: DP&A.
- LATOUR, Bruno, WOOLGAR, Steve (1997). A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Tradução. Angela R. Vianna. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LOPES, Denilson (2007). A delicadeza: estética, experiência e paisagens. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec.
- MORAES, Antônio Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo (2008). Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível. In: Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares Florianópolis (pp.1-18): UFSC.
- ROSA, João Guimarães (2001). Grande sertão: veredas. (19a Edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- VEIGA-NETO, Alfredo (2008). Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: PERES, Eliane et alii (Orgs.). Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas (pp.35-58). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo (2001). Estudos Culturais da Ciência e Educação. Belo Horizonte: Autêntica.